

DOIS TIPOS

Eu não estava lá!

Não estava mesmo?

Sonho?

A prisão na rede.

O vão debater-se

A andada, longa andada!

O pau-de-arara.

O salão de duas portas:

De entrada, uma.

A outra, da impossível torna-viagem,

O caminho sem volta.

Desembocava, esta, num embarcadouro por onde, arrastando as correntes e vendo ao mar lançado o que nos sobrava de dignidade, adentrávamos o tumbeiro.

Sim, lá estava eu!

E você quer saber o que aconteceu depois?

Entramos numa canoão. Era imensamente maior do que as canoas com que pescávamos no grande lago à frente de nossa vila.

Estávamos agora acorrentados uns aos outros, deitados no ventre dessa desmedida canoa. Lá acima, sobre nossos corpos, ela zunia com o vento passando pelos enormes panos presos a árvores sem folhas, sem raízes β como nos haviam transformado, naquela jornada. No escuro porão, sentíamos jogar como nossas canoas

jamais fizeram; e, indistintamente, homens, mulheres e crianças, choravam, vomitavam, urinavam-se e sentiam fezes escapando, ruidosa ou silenciosamente, por incontrolados esfínteres.

Recordo-me, raras eram as disputas dentre os moradores de nossa vila e com tribos das imediações. A venda de desafetos para os homens sem pele, para que os levassem para sempre, além da lagoa sem fim, era algo de que apenas ouvíamos falar. O conselho dos anciões era muito equilibrado; assim, mesmo aqueles que ofendiam à comunidade, violando as regras estabelecidas, tinham inúmeras oportunidades de se regenerarem. Sabíamos de outras vilas onde os chefes dobravam os anciões e entregavam seus filhos, irmãos e irmãs aos sem pele ou a seu representantes.

Depois de muitos dias e noites de viagem, consegui identificar um homem que falava como eu:

– *Jina lako nani? B* Como te chamas, perguntei, sussurrando.

Com alegria, ouvi pouco mais do que um murmúrio: – *Jina langu ni Omenge B*

Me chamo Omenge.

E informeio-o: – *Jina langu ni Missoi B* Me chamo Missoi.

Voltando de uma das poucas vezes em que fomos levados ao convés do navio, a fim de sermos lavados, fixaram minhas cadeias às desse irmão. Quando a primeira oportunidade surgiu, começamos a desenrolar um novelo de conversas sussurradas, entrecortadas, soluçadas, assustadas – sobrepesava, opressivo, onipresente, o pavor por nossos algozes. Havíamos visto a crueldade se abater sobre uns poucos que

necessitaram falar com um vizinho ou familiar, naquele porão da miséria humana. Mas nossa comunicação era o único veículo remanescente de ligação com um mundo que de nós cruelmente se afastava. Assim, qual o animal de nossa selva, tínhamos que afrontar o predador, ainda que com subterfúgios, mesmo com riscos terríveis.

Omenge, morador de uma vila distante da que nasci, era filho de chefe tribal, homem respeitado por sua linhagem familiar e, também, por sua capacidade empreendedora. Plantava uma grande quantidade de pimentas e de raízes, como inhame, mandioca e batata-doce, que se consumiam nos limites do povoado. Não havia ali a mais remota idéia de comércio externo. Omenge contou-me sobre os sacos e sacos de búzios que seu pai acumulava, sem nunca pensar na hipótese de trocá-los por outros bens de valor, em nações próximas, muito menos de emprestá-los a vizinhos, onerando-os com inimagináveis ganhos desse capital β um conceito estranho que eu viria a conhecer no futuro. Era um excelente agricultor, recebera como herança de seus antigos, e ele mesmo aprimorara, algumas técnicas que tornavam o milho mais resistente a doenças e as raízes mais graúdas. Sabia bem como conservar por mais tempo que seus vizinhos o produto de sua safra. Conhecia, assim, por legado, a terra e a importância de saber extrair vida de suas entranhas. Para onde quer que fosse, num casamento entre filhos de chefes, não iria de mãos vazias. Tinha essa herança.

De minha parte, falei muito sobre as ações comunitárias que empreendia meu pai β ele mais importante do que o de Omenge, pois era um chefe-de-chefes, de nosso pequeno reino. Minha vila natal era uma comunidade una; búzios conhecíamos de ouvir falar, mas era algo fora de nossa concepção de sociedade. Compartilhávamos de tudo,

da morada à comida; tanto trabalhávamos unidos fecundando a terra, quanto armazenávamos felizes o que ela nos devolvia em alimento, ou chorávamos solidários, inspirados por nossos guias espirituais, quando as chuvas não vinham e a comida escasseava.

A grande canoa continuava sua marcha; muitos que haviam começado a jornada agora encontravam-se sepultados na lagoa infinda. Deixaram para trás seus ancestrais, suas famílias e, em muitos casos, sua descendência: eram agora, no túmulo de água, uns desonrados simbólica e ritualmente.

Passamos, então, a experimentar uma sensação absolutamente misteriosa. Era incompreensível o que nossas carnes, permeáveis, sentiam, deixando que aquela impressão atingisse os nossos ossos; tremíamos, especialmente, nas pernas e nos braços. De parecido com a horrível novidade, era a lembrança de uns poucos dias de febre que eu havia sofrido: me agitava todo, os dentes tiritavam, friccionando-se uns contra os outros, e o corpo expelia um suor frio. Sim, nossos corpos suportavam o frio, pela primeira vez, sem que estivéssemos com malária. No navio, seres começaram a enrijecer e morrer, por causa daquele terrível evento.

O grande lago e os sofrimentos que nos acarretou ficaram para trás. Omenge e eu sobrevivemos. E tão raro quanto isto, sobreviver à travessia, quem negociou parte da carga que representávamos, adquiriu-nos, os dois, de mesma etnia.

Estávamos, agora, no que chamavam de charqueada.

Era algo quase indescritível β criar o gado ou comprá-lo nas vizinhanças ou em locais distantes. Depois, o carnear brutal dos animais, aprontando-se suas carnes para

a salga. A disposição dos restos do abate; o trabalho em meio à decomposição, com o cheiro inimaginavelmente fétido e a presença dos sempre mais ousados abutres. O trabalho cumpria um ciclo de dia e noite, com chuva e sol, no inimigo terrível, o frio. No verão, a vida passava em meio a nuvens de moscas, de dia; legiões de mosquitos, à noite; e, constantemente, o cheiro pestilento, magnificado.

Omenge e eu viramos tropeiros. Ambos tínhamos especial habilidade no trato e no manuseio de cavalos, assim que nos apartaram dos trabalhos escravos na salga, e passamos a percorrer, ginetes, longas distâncias conduzindo o gado para abate, ou para o pasto, nas incontáveis sesmarias daquele amigo da corte, dono da charqueada. Nossa experiência agrícola não tivera qualquer uso.

Estávamos, certa feita, no porto fluvial próximo à charqueada, onde havia sido embarcada uma partida de charque. Era um rio, assim mesmo olhamos com saudade para as águas escuras. Eu imaginei que de alguma forma, por ali seria possível chegar à Terra Perdida.

Em poucos anos, nos tornamos negros de confiança dos amos. Íamos e voltávamos de longas ausências, com os animais sempre em boas condições. Tínhamos acesso até ao escritório da charqueada, onde em livros faziam os registros comerciais. E foi aí que conheci bancos, juros, e dívidas β coisa esta, aliás, que não preocupava aos meus amos: eles confiavam cegamente no banco, para onde ia todo o caudal de dinheiro que fluía a seu favor. Conheci também filhos dos donos e grandes gerentes, muitos dos quais haviam estudado na França. E eram objeto de discreta chacota de empregados brancos.

Foi numa dessas viagens que eu liderava que conhecemos um negro chamado

Chico Diabo. Voltamos a nos encontrar outras vezes, até que num bivaque, sob um capão de eucaliptos, ele foi incisivo:

A Missoi, meu amigo: o que vosmecê acha da gente, com o Omenge, desaparecer com o gado e marchar na direção de minhas terras, longe para o norte?@

Não aceitei, não. Tampouco aceitou Omenge. Mas não pudemos resistir. Fomos, com o gado, levados contra nossa vontade para o norte.

Passou-se uma vida inteira, nunca mais ouvimos falar em charqueada. O cheiro pútrido, entretanto, jamais saiu de nossos pulmões, mesmo quando respirávamos o ar puro, o dos dias secos de outono e primavera, ao longo dos canteiros onde agora plantávamos nossos alimentos e, especialmente, muita cana-de-açúcar.

Omenge, seguindo o exemplo de seu pai, era um exímio agricultor e negociava nossas safras. Ao invés de búzios, armazenava o dinheiro em casa. Nunca confiou no empírico banco, na pessoa de um certo usurário, morador da cidade. Eu também, engajado em manter a tradição de meu pai, me empenhava em socializar nosso ambiente: compartilhar de tudo; Omenge, porém, era um freio à minha ação.

Mas quem sou eu, afinal?

Ah, sim! Missoi, é meu avô. Omenge, meu tio-avô.

Com as economias do velho Omenge seus descendentes têm uma boa quantidade de terras, e este ano um bisneto dele forma-se em agronomia \mathcal{B} o primeiro, desde a África, a entrar numa faculdade. Meus irmãos e alguns filhos \mathcal{B} tenho muitos filhos \mathcal{B} espalharam-se em minifúndios, de ontem retiram os meios de subsistência,

apenas. Outros migraram para a capital. Tem de tudo: músicos, futebolistas, funcionários públicos, empregados do comércio e serviços. Auxiliares de abigeatários e de contrabandistas. Bem, quase tudo. Nenhum capitalista.

Os velhos? Ah, sim, foram uma notável mostra de vida.

Eu conheço algumas frases em suaíle, que eles me ensinaram.

Já bem velhos, brigaram, os dois: um queria me batizar como Kiplagat, mas acabei sendo simplesmente João *B* um deslumbrado com o tom azulado dos montes da Serra do Mar, contra os quais cresce o pequeno e ondulante ao vento rio de cana-de-açúcar, dos Omenge, mas que sonha um reencontro com o verde do Vale do Rift.

José Luiz Pereira da Costa

Abril de 2002